

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

A Netnografia como Pesquisa Cibercultural na Escola e em suas Comunidades Online

Netnography as cybercultural research in school and in
its online communities

La netnografía como investigación cibercultural en la
escuela y en sus comunidades online



Cláudio Lúcio Mendes Vinculação

Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil
claudio.mendes@ufla.br



Michelle Ramos de Freitas

Prefeitura Municipal de Mariana (SM), Mariana, Minas Gerais, Brasil
michelle_freitas2000@yahoo.com.br



Rafael Silva Vinculação

Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil
rafael.silva6@estudante.ufla.br

Resumo: Este texto traz reflexões sobre a netnografia para a investigação de ambientes escolares e suas comunidades online, problematizando-se a popularização de artefatos tecnológicos e das conexões móveis no contexto da cibercultura. Objetiva-se discutir a netnografia apontando seus possíveis usos investigativos em processos ciberculturais na educação escolar. Como resultado, reflete-se sobre a utilização de uma metodologia capaz de dar diretrizes, formas de coletas de dados, procedimentos éticos, além de apoiar as análises dos dados coletados, empregando-se ferramentas online. Aponta-se algumas aplicações da netnografia em investigações no ambiente escolar, discutindo-se quatro ferramentas para a coleta e análise de dados para serem empregadas em investigações em contextos de comunidades online. Concluindo o texto,

elabora-se algumas ponderações sobre a cibercultura, as comunidades escolares online e o emprego da metodologia aqui discutida.

Palavras-chave: Cibercultura. Netnografia. Escola. Comunidade online.

Abstract: This text brings reflections on netnography for an investigation of school environments and their online communities, questioning the popularization of technological artifacts and mobile connections in the context of cyberculture. The objective is to discuss netnography, pointing out its possible investigative uses in cybercultural processes in school education. As a result, we reflected on the use of a methodology capable of providing guidelines, forms of data collection, ethical procedures, in addition to supporting the analysis of collected data, using online tools. We point out some applications of netnography in investigations in the school environment, discussing four tools for data collection and analysis to be used in investigations in online community contexts. concluding the text, some considerations about cyberculture, online school communities and the use of the methodology discussed here are elaborated.

Keywords: Cyberculture. Netnography. School. Online community.

Resumen: Este texto trae reflexiones sobre la netnografía para la investigación de los entornos de la escuela y sus comunidades online, discutiendo la popularización de los artefactos tecnológicos y las conexiones móviles en el contexto de la cibercultura. El objetivo es discutir la netnografía, señalando sus posibles usos investigativos en los procesos ciberculturales en la educación en la escuela. Como resultado, reflexiona sobre el uso de una metodología capaz de brindar pautas, formas de recolección de datos, procedimientos éticos, además de apoyar el análisis de los datos recolectados, utilizando herramientas online. Señalamos algunas aplicaciones de la netnografía en investigaciones en el entorno de la escuela, discutiendo cuatro herramientas para la recopilación y análisis de datos que se utilizarán en investigaciones en contextos comunitarios online. Al concluir el texto, se elaboran algunas consideraciones sobre la cibercultura, las comunidades

online de las escuelas y el uso de la metodología aquí discutida. Como resultado, reflexiona sobre el uso de una metodología capaz de brindar pautas, formas de recolección de datos, procedimientos éticos, además de apoyar el análisis de los datos recolectados, utilizando herramientas online.

Palabras clave: Cibercultura. Netnografía. Escuela. Comunidad online.

Data de submissão: 15/08/2021

Data de aprovação: 23/09/2021

Introdução

Este texto traz reflexões sobre a netnografia como método de pesquisa em ambientes escolares na cibercultura. Nos anos de 1980, a maioria das pessoas não imaginava a dimensão que as tecnologias digitais e suas conexões tomariam, fazendo parte de muitas atividades cotidianas, com grande variedade de utilização para diversos segmentos profissionais, para o lazer, para a educação ou simplesmente para a busca de informações. Contemporaneamente, essas ferramentas fazem parte do nosso cotidiano, como a TV fez (e ainda faz, com menos potência) em décadas. A emergência dessa (ciber)cultura digital criou uma amplitude de comunicação por todo o globo, propondo moldes mais ou menos comuns para as culturas de diferentes povos (CASTELLS, 2020). Essas alterações no corpo social são intensas e estão diretamente relacionadas ao desenvolvimento das tecnologias digitais e atreladas aos impactos destas na economia.

A popularização de artefatos tecnológicos e das conexões móveis possibilitou uma maior introdução – em sentido diríamos mais radical, possibilitou outros processos de subjetivação – de sujeitos na cibercultura. É muito comum em ambientes sociais nos depararmos com pessoas olhando atentamente seus celulares ou tablets, tirando fotos e ouvindo músicas. Coisas como essas, vistas inicialmente em grandes capitais de países desenvolvidos, espalhou-se pelo globo (AGUIAR, 2019). Com a disseminação dos dispositivos digitais, o acesso aos conteúdos disponíveis pela Internet pode ser feito tanto em casa quanto no

trabalho, como também em ambientes escolares onde a sua introdução já vem sendo pensada e repensada há, pelo menos, quatro décadas (MENDES; EVANGELISTA, no prelo). A Internet trouxe, então, grandes mudanças nas formas com as quais as sociedades organizam-se e as maneiras como o conhecimento e a distribuição de informação vêm sendo transformados e, concomitantemente, transformando as culturas. Nessa perspectiva, as tecnologias digitais são as principais responsáveis pela integração dos sujeitos em comunidades online, tornando-se estas os novos núcleos sociais e ciber culturais (LÉVY, 2010).

Ao olharmos para a educação e o currículo, a partir de contextos ciber culturais, é possível entender, com base em uma perspectiva histórica, a escola como uma tecnologia de época, pautada em uma missão civilizatória, tendo a força do Estado como balizadora de um tipo de subjetivação a enformar alunos e alunas. Esses processos de subjetivação perderam força com a emergência dos meios de comunicação, principalmente os digitais, em uma sociedade pautada na lógica do mercado globalizado, onde, cada vez mais, moldam corpos e subjetividades na velocidade em que o consumo exige. Nessa direção, os dispositivos digitais são agentes catalisadores das alterações que vemos nos dias de hoje, especialmente afetando os ambientes escolares (SIBILIA, 2012). Os alunos, então, frequentam diretamente a maquinaria escolar, esta com seus moldes e preceitos seculares (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992), contrastando diretamente com o tipo de relação que possuem nos contextos digitais contemporâneos (MENDES; EVANGELISTA no prelo). Ao refletirmos sobre a escola e a maneira como os

estudantes relacionam-se com o currículo escolar contemporaneamente, algumas reflexões nos causam um grande desconforto: para que serve a escola? Será que a escola tornou-se obsoleta? Como vemos a escola nos dias de hoje? Como os alunos podem ver a escola nos dias de hoje? (SIBILIA, 2012).

Nas últimas décadas, as tecnologias digitais colaboraram fortemente para alterar os mecanismos de comunicação, fazendo surgir novas relações sociais e escolares. A criação e a reformulação de práticas de ensino e aprendizagem pautadas nas tecnologias digitais, da mesma forma, contribuíram para um maior acesso ao conhecimento e à informação. Outro aspecto é o fato da criação de novas formas de sociabilidade, possibilitando o surgimento de comunidades online de aprendizagem, contribuindo com a expansão do conhecimento e, em especial, da informação. Com uma comunicação rápida e facilitada, esse ambiente online que surge é colaborativo, construindo novas formas de disseminação de saberes e informações igualmente nos ambientes escolares e entre os seus sujeitos (FERREIRA; SILVA, 2014). Dessa forma, refletimos na utilização de uma metodologia capaz de nos dar diretrizes, formas de coletas de dados, processos e procedimentos éticos, além de auxiliar nos procedimentos de análise dos dados coletados, empregando ferramentas do universo ciber-cultural, em contextos de comunidades e subcomunidades escolares: a netnografia.

Ao descrevermos esses cenários, pensando nos ambientes escolares e seus sujeitos, perguntamos como podemos estabelecer procedimentos – ou trabalharmos

com procedimentos estabelecidos – para investigar a escola e as comunidades e subcomunidades online constituídas por estudantes, professores e gestores escolares. Nosso objetivo é discutir a netnografia como uma metodologia de coleta e análise de dados, apontando seus possíveis usos investigativos em processos ciberculturais para a educação escolar. Para isso, na próxima seção, apresentamos a netnografia como um método de pesquisa, apontando algumas de suas aplicações em investigações no ambiente escolar. Logo depois, discutimos quatro ferramentas para a coleta e análise de dados sugeridas para serem empregadas em trabalhos netnográficos. Finalizando o texto, trazemos algumas ponderações sobre a cibercultura, as comunidades escolares online e o emprego da metodologia aqui discutida.

A Netnografia como Método

A utilização da netnografia, que bebe em parte nas mesmas fontes da etnografia, não se limita a espaços geográficos fisicamente restritos. Assim, como afirmam Corrêa e Rozados (2017), o aparecimento e desenvolvimento de comunidades dentro do ciberespaço fizeram surgir a necessidade de um remodelamento do processo etnográfico com potencialidade para captação dos aspectos ciberculturais nos ambientes online. Assim, talvez, possamos entender a netnografia como um método para captar e analisar comunidades que se apropriaram das tecnologias, criando novos ambientes de sociabilidade.

A ampliação dos processos analíticos desenvolvidos pela etnografia possibilitou a articulação com as novas

singularidades do digital, tornando as ações e formas de interação empregadas e/ou constituídas pelos sujeitos na cibercultura o grande foco do método netnográfico (CORRÊA; ROZADOS, 2017). A netnografia amplia e, ao mesmo tempo, modifica a etnografia para analisar as novas dinâmicas de relações e de comportamentos que passam a ser mediadas por artefatos tecnológicos (SOBRINHO et al, 2019). Essas novas relações são produzidas por ações dos sujeitos e por suas subjetividades nos ambientes ciberculturais, por redes sociais, por mecanismos de trocas de mensagens rápidas e pela produção de informação que repercutem na sociedade, como também, nos meios educacionais e escolares. Nesse contexto, a netnografia trabalha com ferramentas digitais para a exploração de temas com rapidez, por meio da captura e da análise de dados (AMORIM et al, 2019). Corrêa e Rozados (2017, p. 14) enfatizam que “a netnografia não é apenas uma sequência de procedimentos metodológicos a serem seguidos, é uma maneira de olhar para o objeto de estudo, seja uma forma de cultura, uma comunidade [digital], uma manifestação social, o uso de um aplicativo, uma prática social ou outros”.

Pesquisas online não necessitam de deslocamento do campo físico e, com base na utilização de artefatos tecnológicos para a captação dos dados, possibilitam uma maior facilidade ao pesquisador para a coleta e o registro de tais dados (AMORIM *et al*, 2019). A netnografia permite que os registros dos acontecimentos estudados sejam feitos na mesma hora, pois o acompanhamento é direto e online, sendo possível o salvamento de forma imediata das telas, imagens e mensagens que foram produzidas em

determinados contextos (KOZINETS, 2014). Além disso, por um lado, o uso dessa metodologia não obriga o contato direto entre o pesquisador e os pesquisados. Isso acarreta, ao mesmo tempo, que a coleta de sons, gestos e outras particularidades do ser sejam mediadas por tecnologias digitais, sendo tal coleta pautada em certo distanciamento físico e emocional, de maneira diferente do que acontece na etnografia, obrigatoriamente de maneira presencial. Por outro lado, quando pensamos em ambientes escolares – partindo do pressuposto de um emprego ideal da metodologia –, da mesma forma que acontece com a etnografia, o pesquisador deve ter comunicações frequentes com os sujeitos pesquisados. Isso gerará um grau maior de confiabilidade, contribuindo com a análise dos dados dentro do contexto pesquisado. Para tanto, é necessário fazer reflexões sobre os procedimentos éticos que compõem uma investigação utilizando a netnografia. A pesquisa não deve oferecer riscos nem ao pesquisador e, centralmente, nem aos pesquisados. Por isso é necessário observar alguns passos a serem seguidos, buscando garantir toda a formulação ética possível.

Para o estabelecimento de tais protocolos é importante entender o que vem tornando-se público (com permissão de uso e acesso sem restrições) ou privado (permitido para um grupo restrito) na cibercultura. Primeiramente, é necessário saber se os produtores das mensagens querem torná-las públicas, se desejam créditos por elas ou apenas preferem manter-se no anonimato. Não se pode publicar ou reproduzir nenhuma imagem que contenha mensagens desses sujeitos sem prévia autorização dos mesmos. Ainda

pensando nas garantias dos princípios éticos desse tipo de pesquisa, devemos sempre ter em mente três pontos que garantam alicerces mais sólidos nesse caminho. O primeiro deles diz respeito à apresentação e identificação explícita do pesquisador perante a comunidade ou subcomunidade a ser pesquisada. Em segundo lugar, temos a descrição do propósito da pesquisa para fins de interação com o meio. E, finalmente, o foco e o interesse principal da pesquisa (KOZINETS, 2014).

Essas noções éticas e procedimentais têm vital importância em pesquisas netnográficas sobre as comunidades escolares. Por si só, as escolas podem ser entendidas como comunidades específicas. Em contextos de tecnologias digitais, os sujeitos escolares constituem comunidades online relacionadas ao ambiente escolar, entendidas aqui como subcomunidades escolares online. Quando refletimos sobre as formas de pesquisarmos alunos, professores e gestores, empregando a netnografia, é pertinente levarmos em conta como esses mesmos sujeitos constituem ou fazem parte, igualmente, de subcomunidades online. Primeiramente, tais subcomunidades podem ser propostas e montadas por necessidades de: a) gestão e controle do alunado: comunicação da escola com os pais dos alunos no acompanhamento das notas; a comunicação de reuniões pedagógicas; como os alunos estão comportando-se na escola; como está a presença física na escola desses mesmos alunos etc.; b) gestão e controle do professorado: como estão sendo desenvolvidos os processos didático-pedagógicos; como os professores e gestores observam determinadas turmas e alunos; como os

professores fazem (e se fazem?) registros nos diários escolares digitais etc.; c) gestão e controle dos processos curriculares: como as escolas e os professores promovem a expansão do currículo para além do espaço escolar; como acompanhar a forma de estudo dos alunos e se esses estão entendendo o conteúdo e aprendendo; quais as dificuldades encontradas na organização e no funcionamento do currículo escolar etc.

Como resultado das especificidades dos contextos escolares, inclusive com as diferenças entre as comunidades escolares e suas subcomunidades – se comparadas às comunidades de consumo, de turismo, de trocas de receitas para cozinhar e tantas outras encontradas em ambientes ciberculturais –, defendemos que não bastará uma abordagem apenas digital dessas comunidades e subcomunidades. Mesmo empregando ferramentas online, o contato do pesquisador com o ambiente escolar será essencial, ajudando a estabelecer relações de confiança, proximidade e compromisso ético com os sujeitos atendidos pela escola e que nela trabalham. Nesse sentido, o pesquisador netnográfico deverá promover imersões no espaço escolar para conhecer e aproximar-se melhor das diferentes subcomunidades online que fazem parte da comunidade escolar pesquisada.

Ao fazermos uma netnografia, é importante vermos as conexões não simplesmente como espaços, lugares, textos ou coisas públicas ou privadas. É necessário vê-las também constituídas por vários tipos de interações: “bate-papos, postagens, comentários em blogs, partilhas de clips de som e vídeos e conversas telefônicas compartilhadas por

protocolos” (KOZINETS, 2014, p. 134). Em seu conjunto, um mundo social digital que vem constituindo-se de maneira nova e acelerada. Em síntese, uma (cibercultura) na qual as regras e as formas de funcionamento são flexíveis e em constante mutação, acarretando aspectos éticos de toda natureza. Aspectos esses a nos lembrarem que tal mundo social digital não está funcionando em separado, e sim, sofrendo influências e influenciando outros mundos não digitais. Em consequência, ao empregar-se a netnografia para se investigar comunidades escolares, é importante termos em conta algumas perguntas de cunho ético: se “as comunidades online são espaços privados ou públicos”? Como e se “devemos usar as conversas em que participamos ou ‘vemos’ em salas de bate-papo? [...]. Idade e vulnerabilidade importam online?” (KOZINETS, 2014, p. 132).

Nesse cenário, entendemos a netnografia como um método de pesquisa a tratar com seres humanos. É assim que a abordamos neste texto. No entanto, existe uma ambiguidade relacionada às postagens online. Conversas espontâneas “reunidas em um local publicamente acessível” (KOZINETS, 2014, p. 133) não constituiriam, supostamente, assuntos relacionados à análise de pesquisa com seres humanos. Estariam, assim, simplesmente sob o escopo de textos expostos na Internet e legalmente acessíveis a qualquer um. Contudo, quando tratamos de netnografia na escola, essas questões não devem ser simplificadas. Especialmente no espaço escolar, “os participantes de comunidades e culturas online podem não esperar que suas observações sejam lidas por outras pessoas fora da comunidade, podendo, portanto, reagir com raiva por suas

comunicações aparecerem em uma publicação de pesquisa” sem o devido cuidado ético, sem sua devida autorização, sob o perigo de trazer implicações inesperadas (KOZINETS, 2014, p. 133). Essa forma de entender a netnografia obriga-nos a fazer uma outra pergunta: quais mecanismos de abordagem e quais ferramentas de coleta empregaremos com mais segurança para realizarmos uma pesquisa ética nas comunidades escolares?

Mecanismos e Ferramentas de Coleta

A netnografia tem como potencialidade trabalhar de maneira articulada e somatória com abordagens de coleta e análise de dados, tanto de espectro qualitativo como quantitativo, promovendo pesquisas descritivo-analíticas. Sabemos que a pesquisa qualitativa empenha-se em analisar emaranhado de significados, convicções, valores que exploram e captam subjetividades de indivíduos e percepções de grupos ou comunidades. A sua intenção é analisar as interações humanas e seus vários sentidos que não são assimiláveis apenas por equações. Por sua vez, a pesquisa quantitativa está mais focada em coletar e analisar dados por meio de números e processos mensuráveis. Então, o modelo qualitativo de pesquisa objetiva produzir informações empíricas e numéricas para fundamentar um determinado estudo (MINAYO, 2011). Apesar de alguns autores encararem as pesquisas qualitativas e quantitativas de forma díspares, as entendemos como não excludentes por si só, podendo o pesquisador trabalhá-las de maneira complementar, tornando a investigação mais potente. Além

disso, ao buscarmos a articulação dessas abordagens de pesquisa, talvez seja possível viabilizar uma percepção mais apurada do evento estudado (ANDRÉ, 1995; MINAYO, 2011).

Ao apoiar-se em princípios epistemológicos que articulam os dois modelos, pode-se pensar a netnografia por meio de processos combinados entre procedimentos de pesquisa quali e quanti para tratar de “questões que deve[m] interessar os pesquisadores netnográficos” (KOZINETS, 2014, p. 46). De um lado, para entender o funcionamento de comunidades online específicas, questionando e perguntando criticamente como e por que funcionam de determinada forma e não de outra – especialmente em cenários tão dinâmicos e mutáveis como os ciberculturais –, as abordagens qualitativas nos parecem fundamentais. De outro, se estamos interessados em perguntar “quantas pessoas leem [um determinado] blog? Quantas usam comunidades online para aprender? [...] Com que frequência [...]?”, estaremos interessados em “questões [que] exigem pesquisa por levantamento” a empregarem procedimentos quantitativos (KOZINETS, 2014, p. 46).

Seja qual for a abordagem – quali, quanti ou uma articulação entre elas – é necessário escolher com atenção e cuidado as ferramentas de coleta e registro de dados. Neste artigo, focamo-nos em apresentar o diário de campo, a revisão bibliográfica, o questionário e a entrevista. Outras tantas podem ser empregadas depois de uma trajetória inicial e com maior experiência e consistência teórica. Após passarmos do estágio “aprendiz de feiticeiro” como pesquisadores, estaremos mais preparados para levarmos em conta “[...] a pertinência de trabalhos que trabalhem no

sentido de [evidenciar] os caminhos que serão traçados por diversas áreas [...]” aproximando-nos de “aparatos teórico-metodológicos” mais complexos “como análises quantitativas e estatísticas (webmetria, número de links etc.), Análise de Discurso (AD), Análise de conteúdo (AC)” – com suas diversas abordagens e as diferenças entre elas –, “Análise de Redes Sociais, entre outros, dependente do desenho e das delimitações que o problema pertinente ao objeto [educacional] requerer” (AMARAL et al, 2008, p. 35). Entendemos que o diário de campo, a revisão, o questionário e a entrevista podem ser articulados e empregados com quaisquer uma das abordagens citadas acima. No entanto, especificamente para a coleta de dados, acreditamos que essas quatro ferramentas, além de potentes para se fazer pesquisa netnográfica, são mais controláveis e seguras eticamente, especialmente para pesquisadores iniciantes a usarem a netnografia em ambientes ciber culturais.

Primeiramente, o diário de campo pode ser entendido como um “amigo silencioso”, pois nele anotamos muitas coisas necessárias: pensamentos, apreensões, questões e informações que não foram recolhidas por intermédio de outras técnicas. Dessarte, quão maior for os detalhes presentes nesse instrumento, maior será o auxílio à análise e descrição do tema estudado (MINAYO, 2011). Por isso mesmo, o diário de campo ajuda a promover constantemente olhares e investimentos cuidadosos sobre os dados coletados em uma comunidade pesquisada – questão pertinente tanto à etnografia como à netnografia. Nesse sentido, o diário de campo, inicialmente, serve para

um registro descritivo do observado e das situações passadas durante a pesquisa e em momentos específicos de coleta de dados. Com os registros feitos, fica mais fácil realizar as análises posteriores ao acontecimento. Ao empregar o diário de campo na netnografia, o pesquisador estaria “dentro para compreender, mas, ao mesmo tempo, [estaria] fora para racionalizar a experiência e poder construir” suas análises (CARIA, 2002, p. 5).

O diário de campo é um instrumento utilizado para anotações e reflexões acerca de todo processo de uma pesquisa etnográfica, que também pode ser empregado na netnografia. Assim, “a etnografia supõe um período prolongado de permanência no terreno”, promovendo uma espécie de aculturação por parte do pesquisador, “cuja vivência é materializada no diário de campo, e em que o instrumento principal de recolha de dados é a própria pessoa do investigador” (CARIA, 2002, p. 12). Já a netnografia trabalha com uma imersão detalhada para a coleta de dados online, sendo que “nesse processo combinado de aculturação e coleta de dados, a manutenção [do diário de campo] pode cumprir a função crítica de registrar e refletir as mudanças indispensáveis que ocorrem fora do âmbito” de um pesquisador conectado: suas próprias impressões (KOZINETS, 2014, p. 109).

A revisão bibliográfica é outro mecanismo empregado em pesquisas netnográficas (como em outras pesquisas) para dar base às discussões e análises a serem empreendidas. Para Garcia (2016), na revisão bibliográfica apresenta-se o estado da arte do assunto abordado, com a fundamentação teórica adequada, devendo estar presente

em todas as pesquisas. Contudo, não se pode confundir a revisão bibliográfica com uma pesquisa bibliográfica. Na pesquisa bibliográfica, o pesquisador deverá contribuir para que o final da discussão seja a favor ou contra as ideias apresentadas, e não apenas descrevê-la como um estado da arte sobre o assunto abordado.

Lakatos e Marconi (1992) definem revisão bibliográfica como aquela que surge a partir da busca por textos, artigos, livros, teses e dissertações selecionados mediante um rigor técnico bem restrito. Ainda nesse pensamento, o principal objetivo de uma revisão bibliográfica é a captura dos temas, dos objetivos, dos referenciais teórico-metodológicos, das análises e das conclusões de um determinado campo de conhecimento, a partir de escolhas de textos mais recentes e de mais antigos, conseguindo identificar qual o caminho que poderia auxiliar melhor na pesquisa, tanto na coleta como na análise dos dados. A revisão bibliográfica é uma forma de visão mais crítica das pesquisas e produções existentes, sendo especialmente significativa para o trabalho que o pesquisador está desenvolvendo. Além de resumir os trabalhos de outros pesquisadores, trazendo ganhos de conhecimento, a revisão deve ser empregada como mais uma maneira do pesquisador analisar os dados de seu próprio trabalho, mostrando as conexões entre ele e outras produções (BRYMAN; BELL, 2007).

O questionário é outra ferramenta de coleta de dados utilizada na netnografia, sendo também entendido como um instrumento de pesquisa para a obtenção de melhores resultados, tendo como base os objetivos propostos. De acordo com Perrien (1984), o questionário objetiva aquisição

de informação sobre o comportamento humano, seus interesses, suas opiniões, seus usos de ferramentas (digitais), seu posicionamento demográfico, entre várias outras questões. Esse mesmo autor ainda nos diz que os questionários devem ser iniciados com perguntas mais acessíveis, para atrair o interesse do pesquisado. Na sequência, as perguntas mais importantes para o trabalho podem ser apresentadas. Por fim, as questões que caracterizam o indivíduo, relacionadas ao nível educacional e escolar, religião, nacionalidade, entre outras questões de interesse. No caso da netnografia, é possível aplicar o questionário online a um número maior de participantes, não sendo necessário focar apenas em uma amostra representativa da população-alvo, como ocorre em outras abordagens que têm limitações geográficas, financeiras e de tempo para se chegar a toda comunidade que se pretende estudar.

A capacidade de ação e a quantidade de dados fornecidos tornam os questionários uma importante ferramenta de coleta de dados empregada em pesquisas netnográficas. Seu uso é de grande abrangência, sem restrições físicas e geográficas, além de que muitas ferramentas digitais empregadas na confecção desses questionários já produzem resultados estatísticos para coleta dos dados (KOZINETS, 2014). O questionário online não traz uma inovação, em si, nos moldes de uma mediação, contudo, inova no que se refere ao suporte da linguagem digital. As respostas espontâneas obtidas por um questionário, garantindo o anonimato dos sujeitos, dá uma maior sensação de liberdade para as respostas. O

questionário online também permite um maior conhecimento dos sujeitos, com a possibilidade de um bom retorno dos respondentes devido à facilidade de uso e de acesso em várias plataformas, tomando-se o cuidado para não gerar uma fadiga nos sujeitos com questionários muito extensos. Os levantamentos estatísticos que surgem por meio dos questionários oferecem respostas diretas para questões sobre os dados sociais, étnicos, demográficos e econômicos dos membros da comunidade online. O fato de ser realizado de forma anônima garante uma maior segurança em relação à obtenção de dados dos sujeitos pesquisados (CORRÊA; ROZADOS, 2017).

Entrevista netnográfica, como propõe Kozinets (2014), é outra possibilidade de realizar a coleta de dados. As salas de bate-papo, os fóruns e outras ferramentas de conversa podem ser usadas para entrevistar sujeitos da comunidade pesquisada. Nesse momento, comumente várias narrativas são construídas, uma vez que os entrevistados relatam suas próprias impressões e trajetórias na e sobre a comunidade, arquitetando, algumas vezes, afirmações duvidosas sobre si ou outros membros. Especialmente, na participação ativa (Insider), a entrevista toma uma importância central no universo online, pelo motivo dela ser realizada em grupo ou individualmente, sendo formal ou informal, estruturada, semiestruturada ou não estruturada. Além disso, o entrevistador também deve escolher a ferramenta base da pesquisa, como os websites de redes sociais, chats ou quaisquer outras ferramentas de comunicação online, sendo as respostas dadas de maneira sincrônica ou assíncrônica. Nesse caso, algo interessante desse uso seria a

facilidade de transcrever e salvar os dados, independente se a entrevista ocorreu do início ao fim em um mesmo momento ou em momentos separados. Somado a essa maneira de coletar dados, em entrevistas realizadas com ferramentas online que permitem imagens em tempo real (Skype, Facetime e WhatsApp são exemplos), torna-se possível, inclusive, capturar gestos e outros sinais face a face. Além disso, o trabalho com entrevistas online em profundidade produz algo “um pouco semelhante a um levantamento com menos perguntas e muito mais interação, sondagem e abertura à perspectiva e contribuição singular do participante” (KOZINETS, 2014, p. 106).

Levamos em conta que fazer uma entrevista via tecnologias digitais significa que a troca de mensagens será adaptável ao ambiente da comunidade e ao ambiente online. Entendemos, então, que as comunicações vão ser moldadas de acordo com os processos e as práticas ciberculturais das comunidades pesquisadas e a desenvoltura e o acesso do pesquisador às tecnologias digitais. Assim, à medida que o pesquisador interaja com os sujeitos, poderá obter com maior (ou menor) facilidade documentos, imagens e mensagens pertinentes à sua investigação, mesmo durante a entrevista. O meio digital também facilita o arquivamento dos dados, uma vez que as entrevistas são transcritas e devem ser salvas automaticamente (KOZINETS, 2014). Para organizar melhor os dados, seria necessário selecionar as postagens que o pesquisador julgar interessante para o contexto da pesquisa e, na sequência, fazer os prints, tanto das entrevistas quanto

de informações que estiverem relacionadas com o assunto pesquisado.

Finalizando esta seção, reafirmamos que é importante criar um ambiente adequado de interação e confiança com a comunidade para se obter respostas dos entrevistados. As perguntas podem ser feitas aos poucos para que a aproximação e o envolvimento com os pesquisados ocorram de forma eficiente. Assim, a coleta de dados em netnografia depende, em grande parte, de ter contato com sujeitos que transmitiriam vivências, culturas e percepções. As práticas das comunidades ocorrem de maneira multiforme, e em todas as formas que as práticas assumam implicará “envolvimento, engajamento, contato, interação, comunhão, relação, colaboração e conexão com membros da comunidade – não com site da rede, servidor ou teclado, mas com pessoas no outro extremo” (KOZINETS, 2014, p. 93).

Portanto, a netnografia pode ser entendida como uma metodologia que emprega, com detalhes, as tecnologias digitais. Para mais, esse método vem revigorando-se exatamente pelo motivo de não seguir um modelo único, sendo considerado um artefato cibercultural de análise e não apenas um método normatizado. Ao entendê-lo assim, partimos do argumento que os métodos de pesquisa online são modelos adaptativos e adaptáveis, por se apoiarem em ferramentas das tecnologias digitais, estando essas em constantes modificações e transformações (ESTALELLA; ARDÈVOL, 2007; HINE, 2015; MARKHAM; BUCHANAN, 2012).

Conclusão

Antes, o livro e os materiais impressos eram os principais meios de transmissão de saber e informação. Contemporaneamente, a informação, em especial, é transmitida com muita potência no ciberespaço, participando da constituição da cibercultura e suas comunidades. Hoje, os sujeitos empregam, cada vez mais, a tecnologia para realizarem suas tarefas diárias, das mais simples às mais complexas. Então, “o portador direto do saber [e da informação] não seria [apenas] a comunidade física e sua memória carnal, mas [também] o ciberespaço, a região dos mundos virtuais, por meio do qual as comunidades descobrem e constroem seus objetos e conhecem a si mesmas como coletivos” consumidores e produtores de artefatos ciber-culturais (LÉVY, 2010, p. 164). Portanto, o ciberespaço é, também, um grande mercado econômico, com um grande potencial de armazenamento de memória sobre modos de consumo, de informação, de ensino e de aprendizagem, elaborando novas formas culturais.

Concomitantemente ao crescimento das tecnologias digitais nos ambientes sociais, a cibercultura é incorporada pelo discurso neoliberal (outro fenômeno econômico e social ascendente desde a década 1970 em diferentes Estados-nação) que tomou conta de muitas políticas de governo pelo mundo, valorizando singularidades individuais e promovendo um “eu” afastado de uma organização comunal. Organização comunal, representada pelo Estado de Bem-Estar Social, no qual pensamentos, direitos e

deveres, pautados em uma mentalidade moderna e secular, seriam coletivos (BALL, 2014). Nesse quadro, coloca-se a educação pública, historicamente com um cunho social e coletivo, em rota de colisão com os interesses individuais, muitos deles promovidos nas interrelações entre tecnologias digitais, suas ferramentas e a mentalidade neoliberal, pautando-se em diferenciações não só entre classes sociais, como, centralmente, entre os sujeitos (MENDES; EVANGELISTA no prelo).

Nessa direção, podemos entender a cibercultura como uma noção a explicar o uso da Internet, as conexões dos usuários com as ferramentas e máquinas da Web, as práticas (ciber)culturais que isso envolve e as várias maneiras de ser sujeito. Se “antes a cultura era vista como um estado ou um hábito mental ou, ainda, um corpo de atividades intelectuais e morais; agora, significa também todo um modo de vida” (WILLIAMS, 1969, p. 20) constituído, cada vez mais, por tecnologias digitais. Parece-nos que as palavras de Raymond Williams, publicadas há mais de 50 anos, são visionárias e extremamente atuais: no encontro das culturas digitais com os processos de subjetivação – pautados em insidiosas mentalidades neoliberais –, as formas de experienciar e ressignificar como vemos e vivemos o mundo são constantemente atualizadas.

A troca e o acesso de informações pela Internet propiciam a análise da linguagem empregada, podendo-se explorar dados visuais, com seus significados culturais, sociais, políticos, econômicos etc. O ser humano está cada dia mais conectado e a tecnologia faz parte de seus hábitos diários. Então, a netnografia torna-se uma metodologia cada

dia mais significativa para a compreensão de comunidades online, escolares ou não. Para as investigações relacionadas à Internet e às tecnologias digitais, as postagens e os produtos exibidos no ciberespaço são interessantes para se analisar muitos aspectos da vida humana, sendo de uma riqueza sem medida para (re)pensarmos os processos de subjetivação contemporâneos (MENDES; EVANGELISTA no prelo).

Reafirmamos que no encontro entre netnografia e cibercultura está um desses vários espaços: a escola. A Internet, as máquinas que participaram (e participam) de sua evolução e aquelas que são pensadas como desdobramentos das necessidades por elas produzidas (celulares, consoles de jogos, notebooks etc.) adquiriram amplitude mundial, sendo tratadas como tendo um grande potencial para se educar os sujeitos. Os recursos da Internet – e todas as máquinas a eles ligados – podem ser utilizados de diversas formas, desde que as escolas possuam condições financeiras, técnicas e tecnológicas para isso, propostas e promovidas por políticas públicas para o desenvolvimento de tais condições (MENDES; EVANGELISTA no prelo). As transformações tecnológicas, cada vez mais, mostram que “o cotidiano escolar” não vem restringindo-se “ao que ocorre na escola apenas, assim como as relações escolares também não se restringem aos ambientes presenciais” (NOGUEIRA et al, 2011, p. 199).

Parece-nos, então, que a netnografia vem apresentando-se como uma discussão, uma metodologia e uma abordagem teórica que traz possibilidades de averiguarmos: como vem sendo usada a Internet em

contextos escolares? Como alunos, pais e professores vêm entendendo e vivendo essas transformações? Como nós estamos e podemos nos conectar a essas novas e ricas maneiras de ensinar e aprender? Se as perguntas levantadas por Paula Sibilia (2012, p. 208) fazem sentido – “para que necessitamos de escolas, hoje em dia? O que queremos que esses estabelecimentos façam com as crianças e os jovens contemporâneos, ou com aqueles que ainda virão adiante?” –, precisamos compreender melhor como diversos processos apoiam-se nas tecnologias para produzir interesses, paixões e conexões que as escolas, já há algumas décadas, não têm oportunizado com a mesma potência.

Referências

AGUIAR, J. G. A PESQUISA ETNOGRÁFICA ON-LINE EM TEMPOS DE CULTURA DA CONVERGÊNCIA. **REVISTA OBSERVATÓRIO**, v. 5, p. 109-131, OUT./DEZ. 2019. DOI: [10.20873/UFT.2447-4266.2019v5N6P109](https://doi.org/10.20873/UFT.2447-4266.2019v5N6P109).

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. NETNOGRAFIA COMO APORTE METODOLÓGICO DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO DIGITAL. **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**, A. 13, N. 20, P. 34-40, DEZ. 2008. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTASELETRONICAS.PUCRS.BR/OJS/INDEX.PHP/FAMECOS/ARTICLE/VIEW/4829](https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829). ACESSO EM: 17 JUL. 2021.

- AMORIM, A; FERNANDES, G; GONÇALVES, P. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS. **ECCOM**, v. 9, n. 17, p. 221-234, JAN./JUN. 2018. DISPONÍVEL EM:
[HTTP://UNIFATEA.COM.BR/SEER3/INDEX.PHP/ECCOM/ARTICLE/VIEW/432/385](http://UNIFATEA.COM.BR/SEER3/INDEX.PHP/ECCOM/ARTICLE/VIEW/432/385). ACESSO EM: 14 JUN. 2019.
- ANDRÉ, M. E. D. **ETNOGRAFIA DA PRÁTICA ESCOLAR**. CAMPINAS: PAPIRUS, 1995.
- BALL, S. J. **EDUCAÇÃO GLOBAL S. A.** PONTA GROSSA: UEPG, 2014.
- BRYMAN, A.; BELL, E. **BUSINESS RESEARCH METHODS**. NEW YORK: OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2007.
- CARIA, T. H. **EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**. PORTO: AFRONTAMENTO, 2002.
- CASTELLS, M. **A SOCIEDADE EM REDE**. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 2020.
- CORRÊA, M. V. ROZADOS, H. B. F. A NETNOGRAFIA COMO MÉTODO DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **ENCONTROS BIBLI**, v. 22, p. 1, 2017. DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.5007/1518-2924.2017v22n49p1](https://doi.org/10.5007/1518-2924.2017v22n49p1).
- ESTALELLA, A.; ARDÈVOL, E. ÉTICA DE CAMPO. **FQS**, v. 8, n. 3, p. 1-25, SET. 2007. DISPONÍVEL EM:
[HTTP://WWW.QUALITATIVE-RESEARCH.NET/INDEX.PHP/FQS/ARTICLE/VIEW/277/610](http://WWW.QUALITATIVE-RESEARCH.NET/INDEX.PHP/FQS/ARTICLE/VIEW/277/610). ACESSO EM: 20 JAN. 2020.
- FERREIRA, A. A.; SILVA, B. D. COMUNIDADE DE PRÁTICA ON-LINE. **EDUCAÇÃO EM REVISTA**, v. 30, n. 01, p. 37-64, MAR. 2014. DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.1590/S0102-46982014000100003](http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982014000100003).
- GARCIA, E. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA VERSUS REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. **LÍNGUAS & LETRAS**, v. 17, n. 35, JAN./MAR. 2016. DISPONÍVEL EM:
[HTTP://E-REVISTA.UNIOESTE.BR/INDEX.PHP/LINGUASELETRAS/ARTICLE/VIEW/13193/10642](http://E-REVISTA.UNIOESTE.BR/INDEX.PHP/LINGUASELETRAS/ARTICLE/VIEW/13193/10642). ACESSO EM: 05 JAN. 2021.
- HINE, C. POR UMA ETNOGRAFIA PARA A INTERNET. **MATRIZES**, v. 9, n. 2, p. 167-173, JUL./DEZ. 2015. DOI:
[HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.1982-8160.v9.i2p.167-173](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.1982-8160.v9.i2p.167-173).
- KOZINETS, R. V. **NETNOGRAFIA: REALIZANDO PESQUISA ETNOGRÁFICA ONLINE**. PORTO ALEGRE: PENSO, 2014.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**. SÃO PAULO: ATLAS, 1992.
- LÉVY, P. **CIBERCULTURA**. SÃO PAULO: EDITORA 34, 2010.

MARKHAM, A.; BUCHANAN, E. **ETHICAL DECISION-MAKING AND INTERNET RESEARCH**. CHICAGO: AOIR, 2012. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://AOIR.ORG/REPORTS/ETHICS2.PDF](https://aoir.org/reports/ethics2.pdf). ACESSO EM: 10 OUT. 2019.

MENDES, C. L.; EVANGELISTA, R. M. F. A FORMAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE, AS TECNOLOGIAS MÓVEIS E A UNESCO. **EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL**, NO PRELO.

MINAYO, M. C. S. **PESQUISA SOCIAL**. PETRÓPOLIS: VOZES, 2011.

NOGUEIRA, E. J.; GOMES, L. F.; SOARES, M. L. A. NETNOGRAFIA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS PARA PESQUISAS EM EDUCAÇÃO. **QUAESTIO**, v. 13, N. 2, p. 185-202, NOV. 2011. DISPONÍVEL EM: [HTTP://PERIODICOS.UNISO.BR/OJS/INDEX.PHP/QUAESTIO/ARTICLE/VIEW/696](http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/696). ACESSO EM: 14 AGO. 2021.

PERRIEN, J. **RECHERCHE EN MARKETING**. MONTREAL: GAETAN MORIN, 1984.

SIBILIA, P. **REDES OU PAREDES**. RIO DE JANEIRO: CONTRAPONTO, 2012.

VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. A MAQUINARIA ESCOLAR. **TEORIA & EDUCAÇÃO**, N. 6, p. 68-96, 1992.

WILLIAMS, R. **CULTURA E SOCIEDADE**. SÃO PAULO: EDITORA NACIONAL, 1969.